

DADOS, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

Luiz Carlos dos Santos

De forma sintética, existem vários tipos de conhecimento, desde o popular, aquele adquirido no dia-a-dia; o teológico, assentado numa divindade divina, onde a fé é o bastante; o filosófico, ancorado nas idéias, na logicidade, no silogismo, sem a necessidade de comprovação, mas de grande valia para a humanidade; o intuitivo, cuja característica principal é o subjetivismo e o conhecimento científico, aquele respaldado na comprovação, que nasce da dúvida e se consolida na certeza, porque foi submetido à prova.

Todavia, pergunta-se: ter conhecimento é o mesmo que ter informação? Apesar de vasta literatura sobre a temática, pode-se afirmar que ainda persistem dúvidas referentes às fronteiras entre dado, informação e conhecimento.

De acordo com Paiva apud Saint-Onge (2006), os dados consistem em elementos dispersos que chegam até as pessoas sem alguma sistematização. Por outro lado, para se obter a informação, são necessários processamento e ordenação criteriosa dos dados, imprimindo-lhes sentido, para uma melhor compreensão dos fatos e das pessoas. Já o conhecimento é obtido, por sua vez, a partir da conversão de uma base de informações para ação.

Segundo Saint-Onge (1996), “a sabedoria é alcançada quando, implicitamente, se sabe como gerar, acessar e integrar conhecimento como direcionamento para ação”. Diferentemente, Stewart (2002), assevera que é impossível estabelecer distinções nítidas entre dado, informação e conhecimento, uma vez que o contexto é que definirá a melhor categorização. Nessa linha, argumenta o citado autor “Dados e informações são menos do que conhecimento (...) Conhecimento não é soma de informações, é agregação, integração, acumulação. O conhecimento envolve expertise. Para alcançá-lo é preciso tempo [...] ter conhecimento, dominar um assunto, é algo diferente e maior do que saber de um fato ou possuir muitas informações a respeito de alguma coisa. Todavia, é impossível estabelecer distinção nítida entre informação e conhecimento”.

Entende-se o que é dado para alguém pode ser conhecimento para outrem, e vice-versa, dependendo do contexto. Corrobora com esse entendimento Stewart (2002). Em outras palavras, apesar da informação ter a ver com significado, e constituir-se base do conhecimento, este vai um passo adiante: abrange as crenças de grupos ou indivíduos, relacionando-se, intimamente com a ação. Assim, a informação é obtida a partir da atribuição do significado ao dado e é considerada matéria-prima para a elaboração do conhecimento.

Relativamente a dado, parafraseando Hendriksen e Breda (1999), pode-se conceber como medidas ou descrições de objetos ou eventos. Para estes autores, o fator surpresa caracteriza essencialmente a informação, em suma, “se esses dados já forem conhecidos, ou não interessarem à pessoa a qual são transmitidos, não podem ser considerados informação”. Portanto, a informação poder ser definida como um dado que representa uma surpresa para quem o recebe.

Saliente-se, enfim, de que a informação transformada em conhecimento conduzirá a uma decisão tanto por parte de uma pessoa quanto a uma organização.



LUIZ CARLOS DOS SANTOS
www.lcsantos.pro.br